

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PARRESÍA* EM FOUCAULT\*

### SOME CONSIDERATIONS ABOUT *PARRESÍA* IN FOUCAULT

Brener Alexandre Gonçalves\*\*

#### Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar em grandes linhas a leitura foucaultiana da *parresía* e a sua relação com seus opositores: a bajulação e a retórica. Investigando como a *parresía* está inserida na ética do cuidado de si e no governo de si e dos outros, a partir da relação entre sujeito e verdade e mestre e discípulo. Os cursos finais de Michel Foucault no Collège de France apresentam um diálogo vivo estabelecido entre ele e o historiador da filosofia Pierre Hadot. A tese hadotiana da filosofia como modo de vida é lida por Foucault como ética do cuidado de si. As aulas sobre a *parresía* são o fruto das observações feitas por Foucault de como a ética do cuidado de si surge da íntima relação entre sujeito e verdade e mestre e discípulo.

**Palavras-chave:** *parresía*, cuidado de si, governo de si, governo dos outros.

#### Abstract

This article aims to introduce in large lines the Foucault's reading about *parresía* and its relationship with its opponents: flattery and rhetoric. Investigating how *parresía* is embedded into the ethics of self-care and self-government and government of others, from the relationship between subject & truth and also master & disciple. The last courses of Michel Foucault at the Collège de France show a live dialogue between Foucault and the historian of philosophy Pierre Hadot. Hadot's thesis that philosophy is a way of life is read by Foucault as ethics of self-care. Foucault's classes on *parresía* are the result of observations made by Foucault that ethics of self-care

---

\* Artigo enviado em 02/04/2013 e aprovado para publicação em 20/05/2013. Uma primeira versão deste texto foi apresentada como conclusão da disciplina "Foucault e a ética do cuidado de si", ministrada pelo professor Helton Adverse, na Pós-Graduação Lato Sensu em Temas Filosóficos, da UFMG.

\*\* Bacharel em filosofia pela PUC-MG. Contato: breneralexandris@gmail.com

comes from intimate relationship between subject & truth and also master & disciple.

**Keywords:** *parresía*, self-care, self-government, government of others.

## 1. A *parresía* e os seus sentidos correntes

Antes de entrar no mérito da discussão sobre a natureza política e ética da *parresía* gostaria que não passasse em branco a diferença entre definição e noção. Definir é colocar limites, enquanto a noção é um fazer ver, é a tradução de uma ideia observada. A noção apresenta o alcance do conceito sem estabelecer seus limites<sup>1</sup>. Tanto na aula do dia 10 de Março de 1982 como nas aulas dos cursos de 1983 e 1984, com exceção da aula de 9 de Fevereiro de 1983, Foucault discute a objeção de um ouvinte e este fala de uma definição canônica da *parresía*. Parece-me que a preferência de Foucault pela noção em detrimento da definição vem a salvaguardar o próprio conceito estudado pelo professor do Collège de France, principalmente por se tratar de cursos que originalmente foram transmitidos de viva voz e não originalmente escritos para publicação, deixando a própria fala de Foucault livre como é o tema de sua reflexão a respeito da *parresía*.

Agora que foi demarcada a diferença entre definição e noção pretendo seguir os passos de Foucault a respeito da *parresía*, apresentando seus sentidos e externalizando sua natureza política e ética.

A palavra grega *parresía* significa, como salienta Foucault diversas vezes, o tudo dizer, a liberdade para falar, o dizer a verdade e ainda a fala franca<sup>2</sup> que os latinos traduziam por *libertas*.

A palavra *parresía* transita entre o universo da vida pública e privada, circunscrita pela liberdade de falar e de agir. Foucault chega à noção de *parresía* quando ao estudar a noção de *epimelían he'autoú* (cuidado de si) mostra que a constituição do sujeito passa pela relação entre sujeito e verdade.

A relação entre sujeito e verdade começa na relação entre o mestre e o discípulo. O cuidado de si enquanto cultura de si acontece na relação de entrega do discípulo ao discurso do mestre, um discurso verdadeiro que, ao ser transmitido para o discípulo, fará com que este, através do conhecimento de si, exercite o cuidado de si, alcançando a verdade transmitida pelo mestre. Esta verdade do

---

<sup>1</sup> *Definitio* é justamente delimitar no sentido de estabelecer o fim, *finis* é o limite, a demarcação de uma ação, a duração do tempo ou simplesmente a demarcação do espaço que compete a alguma coisa ou alguém. *Notio* é a explicitação do que é notado, é a tradução de uma ideia captada através da observação. A noção não precisa traçar limites ela apenas visualiza o alcance sem ver o limite. Para ver mais a respeito conferir: MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, mestre do cuidado: Textos sobre a hermenêutica do sujeito*, p. 102-103.

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*, p. 450-451; FOUCAULT, Michel. *Governo de si e dos outros I*, p. 42.

mestre é transmitida para o discípulo como verdade do discípulo, quando este atinge o seu desenvolvimento através da cultura de si.

Nos cursos de 1983 e 1984, Foucault retoma o estudo sobre a *parresía* agora pensando no papel dela quanto ao governo de si e dos outros. O papel da *parresía* não é tão somente medido pelo uso do vocábulo *parresía*, mas pelo que a palavra representa. Assim como a liberdade que não foi objeto de reflexão filosófica na antiguidade, como será dito mais adiante, pois em alguns dos exemplos apresentados pelo autor a palavra *parresía* não aparece explicitamente, mas está presente na atitude de quem fala, sendo expressão do desejo de quem fala e age.

A *parresía* tão pouco é redutível ao discurso verdadeiro e conseqüentemente ao discurso filosófico, como ficará caracterizado pela tradição socrática<sup>3</sup>, porque ela emerge no universo político da Grécia e se consagra no ambiente da democracia como um atributo substancial da cidadania. No entanto, pretendo manter o foco sobre a relação da *parresía* com o discurso filosófico e com a liberdade proposta pela filosofia que, como veremos, mantém uma relação direta com a liberdade política, extrapolando este espaço que diz respeito à ação política e preservando a liberdade dirigida ao governo de si, isto é, a *autarquéia*.

A *parresía*, portanto, transita entre a cidadania efetiva, sobretudo no ambiente democrático e a liberdade expressa no âmbito moral (ético), que diz respeito ao trato do sujeito consigo mesmo. Com efeito, não pode simplesmente ser reduzido a uma forma ou outra. Todas as formas elencadas podem traduzir a *parresía* e se encontram umas nas outras, acentuando ora o aspecto político ou o aspecto ético.

## 1.2. Parresía e seus opositores

A *parresía* se opõe, como nos mostra Foucault, à lisonja e a retórica. Esta oposição é revelada sob vários aspectos da ética do cuidado de si e do governo de si e dos outros.

A lisonja e a retórica em linhas gerais são semelhantes, o que não quer dizer que sejam idênticas. A lisonja, ao contrário da retórica, não constitui uma técnica formal para a composição do discurso, mas, tal qual a retórica, a lisonja não se preocupa com a veridicção, isto é, não se preocupa em transmitir a verdade para o seu ouvinte.

O bajulador é aquele que engana o ouvinte com o intuito de conseguir favores. Do mesmo modo a retórica se ocupa em usar o

---

<sup>3</sup> A tradição socrática é composta pela pluralidade de escolas filosóficas que surgiram logo após a morte de Sócrates em 399 a.C. Dentre elas eu gostaria de destacar o platonismo (escola em que o projeto filosófico consiste também em um projeto político), o cinismo (pensando na continuidade dada à filosofia de Antístenes) e o estoicismo (escola afiliada ao cinismo). Estas escolas serão ao longo deste trabalho mencionadas e citadas como exemplos da relação entre ética e verdade e da consagração da *parresía* como discurso verdadeiro. O álbum de família criado por Wolff nos apresenta o panorama geral do pluralismo presente na tradição socrática. Cf. WOLFF, Francis. *Sócrates*, p. 130-152.

discurso para induzir o seu ouvinte a uma escolha na assembleia. De fato, tanto a lisonja quanto a retórica em instâncias diferentes têm um ponto em comum: induzir seus interlocutores a fazerem aquilo que o orador ou bajulador quiserem. Em outras palavras, a relação parresía-lisonja-retórica tem implicações nas relações de poder entre os interlocutores. Esta relação de poder afeta diretamente suas decisões ético-políticas.

Em termos de relação de poder a lisonja funciona como o oposto da cólera como explica Foucault:

(...) "Se a cólera é, pois, o abuso do poder pelo superior em relação ao inferior, compreendemos bem que a lisonja será, para o inferior, uma maneira de ganhar este poder maior que se encontra no superior, ganhar seus favores, sua benevolência, etc."<sup>4</sup>

O bajulador é, portanto, aquele que, através da linguagem, do discurso, tenta transferir a força daquele que é superior em relação a ele. E como ele o faz? Dizendo para o seu interlocutor o que ele quer ouvir.

Ao dizer o que o seu interlocutor quer ouvir, o bajulador mente ou omite a verdade, configurando o seu discurso como um discurso mentiroso ou falso<sup>5</sup>, que encanta seu interlocutor e desloca sua força (poder) para satisfazer suas inclinações. Assim, alimenta-se uma imagem falsa do interlocutor, comprometendo a relação psicagógica e pedagógica fundamentais à *cura sui*, que envolve também a relação direta entre sujeito e verdade.

A retórica também não se constitui como um discurso verdadeiro. Seu objetivo é a persuasão dos interlocutores, para convencê-los sobre a tomada de uma determinada posição. Deste modo, a retórica e a lisonja são muito parecidas, pois o objetivo de ambas é conduzir o interlocutor a uma tomada de decisão através da persuasão.

Aristóteles nos diz que: "É evidente que a sua função não é simplesmente atingir a persuasão, mas discernir os meios de persuasão em cada caso, como ocorre com as demais artes" (ARISTÓTELES, *Retórica* I, 1, 1355b 10) . Nota-se que Foucault irá endossar a opinião de Aristóteles sobre a retórica, pois, enquanto técnica, ela tem por objeto a persuasão e os melhores meios para atingi-la. Enquanto técnica também possui um conjunto de regras e dispositivos para conseguir executar sua função adequadamente. Ora, se o objeto da retórica é a persuasão sua relação com a verdade é ofuscada pelo interesse do orador em convencer seus ouvintes. Este é o recorte da oposição entre a retórica e a *parresía*,

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*, p. 454.

<sup>5</sup> O falso se caracteriza tanto como o que não é verdadeiro (não tem semelhança nenhuma com a verdade) como também com aquilo que é transmitido como verdade sem o ser, como se fosse parecido, semelhante, mas que não deve ser entendido como o verossímil, que é o discurso que tem parentesco com a verdade.

principalmente quando é analisado o tratado de Filodemo sobre a *parresía*. Neste tratado, o filósofo epicurista enquadra a *parresía* como uma técnica com a qual se diz a verdade, ou como o estilo discursivo que não é estilístico<sup>6</sup> e que diz a verdade. Outra opositora da *parresía* que é pouco analisada por Foucault é a erística ou sofística, que Aristóteles também chama de dialética<sup>7</sup>.

Tanto Platão quanto Aristóteles assimilam a sofística como uma parte da retórica na medida em que a sofística é uma técnica de instrumentalização da palavra que faz com que o seu usuário vença qualquer debate, sobre qualquer assunto, sempre parecendo ser sábio, sem o ser<sup>8</sup>.

No diálogo *Eutidemo*, Platão também apresenta com muita sutileza a diferença entre o erístico, o filósofo e o logógrafo. O *Eutidemo* não foi analisado por Foucault em seus cursos sobre a *parresía* e sobre o cuidado de si. No entanto me parece muito claro que neste diálogo Platão, ao opor o discurso filosófico à erística, partindo do pedido de Sócrates de que os dois sofistas exortassem o jovem Clíncias ao cuidado da virtude<sup>9</sup>, fazendo uma demonstração do seu saber, tem por objetivo apresentar as implicações éticas implícitas na natureza do discurso praticado no cenário político ateniense. Ao longo do diálogo Platão me parece conseguir mostrar que a erística não é capaz de educar o jovem para o cultivo da virtude, isto é, para o cuidado de si, segundo a linguagem foucaultiana, uma vez que o cuidado de si é, enquanto prática de si, o exercício espiritual que molda o sujeito através da relação mestre/discípulo. A erística, a retórica e a lisonja são desse modo estéreis, porque não conseguem promover a relação entre sujeito e verdade, relação que é fundamental para o discurso filosófico. No *Eutidemo* Sócrates sai completamente derrotado, tal qual ocorre no *Górgias*, mas o objetivo de Sócrates não é vencer a discussão e, sim,

---

<sup>6</sup> Para explicar melhor este estilo sem estilo, seja-me permitido fazer uma analogia com o *kenjutsu* (arte marcial que deu origem ao *kendo*, a esgrima japonesa), na qual existe um conjunto de *kamae* (posições e modos de segurar uma espada) entre os quais há uma posição que é um não posicionamento, o *kenshi* (espadachim), o qual mantém a espada na cintura como se não fosse atacar o oponente. A *parresía* seria como esse não posicionamento por não se preocupar com a beleza do discurso ou mesmo em persuadir através do engano, do ludibriar o ouvinte, mas apenas em dizer a verdade.

<sup>7</sup> Não vou entrar em detalhes sobre a diferença conceitual da dialética para Platão e Aristóteles, mas é necessário explicar que dialética em Platão equivale a *epistéme* (ciência), enquanto que o Estagirita defende que a dialética não é uma ciência, mas uma propedêutica à ciência, a dialética para Aristóteles é o levantamento e análise das opiniões dos filósofos sobre um determinado problema. Cf. ARISTÓTELES, *Tópicos* I, 1, 100b 18.

<sup>8</sup> "A dialética move-se as cegas nas coisas que a filosofia conhece verdadeiramente; a sofística é conhecimento aparente. Mas não real (*hē sophistiké phainomenē, ousa d'ou*)". *Metafísica* IV, 2, 1004b 25 e "Porém, visto que aos olhos de algumas pessoas vale mais parecer sábio (*to dokein einai sophoi*) do que ser sábio sem o parecer (*to einai kai mé dokein*) (uma vez que a arte do sofista consiste na sabedoria aparente e não na real (*Hē sophistiké phainomenē sophía ousa d'ou*) (...), está claro que para estas pessoas é essencial parecer exercer a função de sábio (*tou sophou ergon dokein poiein mallon ē poiein kai mé dokein*)" *Refutações Sofísticas*, I, 165a 20. Note-se o jogo entre parecer e ser com relação a sabedoria do sofista está no âmbito do mostrar (*dokein*) o que reforça a ideia de instrumentalização e de um conteúdo vazio no discurso erístico.

<sup>9</sup> O pedido de Sócrates é este: "este jovenzinho aqui, persuadi-o (*peisastón*) de que é necessário amar a sabedoria (*chré philosophéin*) e cultivar a virtude (*kaí aretēs epimeleisthai*) (...) eu e todos estes aqui desejamos que ele se torne o melhor possível (*epithymountes hos beltíston autón genésthai*)" PLATÃO, *Eutidemo* 275a.

conduzir<sup>10</sup> a alma do seu interlocutor para a verdade e, deste modo, para a virtude. O discurso filosófico se inscreve no registro da *parresía* por se preocupar com a verdade. O *parresiasta* é aquele que reúne na sua ação e no seu discurso a franqueza, isto é, ao dizer o que pensa, ele o faz consciente de sua ação e em tudo é coerente com o seu pensar.

A melhor tradução do que seja o discurso do *parresiasta* em oposição à lisonja e à retórica está nas palavras de Sêneca, respondendo ao seu amigo Lucílio, que se queixava pelo fato de que as cartas de Sêneca endereçadas a ele não apresentarem o requintado estilo retórico. Sêneca lhe diz: (...) “Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a eloquência empolada?”<sup>11</sup> e continua: “se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido!”<sup>12</sup> O que Sêneca quer dizer com “nada tenham de artificial, de fingido”? Ora, o filósofo quer opor a pompa que é própria do estilo retórico que ao embelezar, isto é, ganhar corpo pelo arranjo das palavras<sup>13</sup> para encantar seu interlocutor, ao modo despojado do diálogo franco exercitado no dia-a-dia.

Por fim, Sêneca deixa claro que se fosse possível preferiria mostrar ao invés de dizer o que sente e o que deseja para seu amigo. Portanto o *parresiasta* é aquele que não artificializa a relação entre o pensamento e o discurso, ele o expõe do modo mais claro possível, o mais honesto, mais franco e mais livre.

### **Considerações finais**

Longe de esgotar o tema da *parresía* e o grande diálogo interrompido entre Foucault e Hadot sobre a filosofia como modo de vida, ligado aos exercícios espirituais e ao cuidado de si. Gostaria apenas de fazer mais algumas considerações sobre este tema. Falei ao longo deste artigo primeiro trazendo a noção de *parresía* apresentada por Foucault em seus cursos e depois tentei falar um pouco sobre os opositores da *parresía*, sempre levando em conta a relação sujeito e verdade tão cara a Foucault e o ponto culminante da ética do cuidado de si.

A *parresía*, com efeito, emerge da práxis política da Grécia, mais especificamente da Atenas democrática do século V a.C. As condições de cidadania, isto é, o direito de cidadania se expressa pela

---

<sup>10</sup> A *psychagogia* é um ponto fundamental para Foucault na relação entre a *epimeléia heautou* e o *gnóti seautou*. A condução da alma é na relação mestre/discípulo e sujeito/verdade o caminho que produz, ensina o cuidado de si através do autoconhecimento e, através do autoconhecimento, a descoberta da verdade com a qual a liberdade é vivenciada nos dois âmbitos do contexto antigo: a cidadania (*euleuthería*) e a autossuficiência (*autarcheia*).

<sup>11</sup> SÊNeca, *Cartas a Lucílio*, livro IX, carta 75, 1, p. 305.

<sup>12</sup> Idem. *Ibidem*, Livro IX, 75,1, p. 305.

<sup>13</sup> Não só da posição da palavra, mas do conhecimento de palavras cujo jogo entre vogais longas e breves possam produzir um belo espetáculo como era incentivado nos cursos de retórica na antiguidade.

*parresía*, ou seja, a liberdade para tomar a palavra e dizer o que pensa é condição dada a apenas aos homens livres. Com a filosofia, mais especificamente com a fundação da filosofia moral, a *parresía* não é mais um tomar a palavra com liberdade, falar o que se pensa, mas dizer a verdade mostrando o que se pensa sobre o que é dito em coerência com seus atos. O dizer a verdade, este dizer o verdadeiro configura outros aspectos da *parresía*, não mais entendida como *eleuthería*, como liberdade política, mas entendida agora no âmbito do governo de si. Mas isto não a afasta do governo dos outros, ao contrário, a complementa.

Acredito que a análise feita por Foucault do livro IV das *Questões naturais* de Sêneca, na aula de 10 de março 1982, é o melhor exemplo do ponto de contato entre o governo de si e dos outros. No livro IV, Sêneca explica a Lucílio que ele executa bem o ofício de procurador porque ele se satisfaz consigo mesmo, dedicando seu tempo ao ócio e às letras, pois é dedicando o tempo a si que ele descobre quem ele é, e encontra a verdade e o limite de suas ações. Por isso exerce a função de procurador tão bem, ele não a exerce além dos limites que lhe foram dados, como *imperium* (com força excessiva). Note-se que conhecer os próprios limites, que define o horizonte da liberdade do sujeito, é o ponto para o exercício adequado do cargo político que lhe foi confiado.

O que a ética clássica pressupõe como liberdade circunscrita na *eleuthería*, quero dizer no limite da relação do cidadão consigo mesmo, pode ser exposto em dois conceitos chaves: *autarchéia* (autossuficiência) e *enkratéia* (autodomínio). O primeiro prescreve a independência do sujeito em relação aos demais cidadãos e da própria natureza<sup>14</sup>. O segundo prescreve a independência do sujeito em relação a sua vontade, seus desejos e paixões. São dois lados da mesma moeda, dois pilares da constituição do sujeito na antiguidade e, portanto, decisivos para o exercício da virtude.

Enfim, a *parresía* é o ponto alto do cuidado de si e da prática de si. Foucault a encontra depois de constatar que a filosofia como modo de vida — objeto de pesquisa de Pierre Hadot — é em resumo um conjunto de exercícios espirituais que educam o sujeito para o conhecimento de si e o cuidado de si, que é, ao mesmo tempo, cuidado com a virtude.

## **Bibliografia:**

ARISTÓTELES. *Organon: Categorias, De Interpretatione, Analíticos anteriores, Analíticos Posteriores, Tópicos, Elencos Sofísticos*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

---

<sup>14</sup> *Autarchéia* se consagra como autossuficiência em relação a natureza com os cínicos e os estóicos seguem o mesmo princípio.

BERTI, Enrico. *Perfil de Aristóteles*. Trad. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. O jogo e o labirinto no *Eutidemo*. In: *Revista filosófica Brasileira* nº 3 (1988) p. 23-48.

DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Trad. A. Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Cury. Brasília: Editora UnB, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Trad: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. Vol. I. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Coragem da verdade: curso no Collège de France (1983-1984)*. Vol. II. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Hermenêutica do sujeito*. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GAZOLLA, Rachel. *Pensar mítico e filosófico: estudos sobre a Grécia Antiga*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

HADOT, Pierre. *O que é a Filosofia Antiga?* Trad. Dion Davi Macedo. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010

\_\_\_\_\_. *Exercices spirituels et philosophie antique*. Paris: Albin Michel, 2002.

JAEGER, W. *Metaphysica*. Oxford: Clarendon Press, 1957.

MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, mestre do cuidado: textos sobre a hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

PLATONE. *Tutti gli scritti*. A cura di Giovanni Reale. Milano: Rusconi, 1997.

PLATÃO. *Eutidemo*. Trad. Maura Iglesias. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_. *Carta VII*. Trad. José Trindade Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

REALE, Giovanni. *Metafísica de Aristóteles: texto grego com tradução ao lado*. Vol. 2. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Naturales Quaestiones*. With an english translation by Thomas H. Corcoran. Cambridge, Massachusetts: Harvard University press, 1972, vol. II.

\_\_\_\_\_. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

WOLFF, Francis. *Sócrates*. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Editorial Teorema, 1987.